

Editorial

Por Raquel Abecasis

Presidente do Conselho de Administração

Chegámos ao fim de mais um ano, o 25º ano da VIDA, e mais uma vez o que temos para contar são as histórias com nome e apelido dos que de Suzana, na Guiné-Bissau, a Matutuíne, em Moçambique, são os protagonistas do trabalho a que nos dedicamos dia após dia, ano após ano.

Neste sentido, esta newsletter não tem novidade, mas tem muitas novidades, porque em Suzana começámos a produzir arroz de forma mais eficaz e em Matutuíne estamos a formar os agricultores para os temas da nutrição e da segurança alimentar.

Mas se falarmos só disto, estamos a falar de técnicas e a VIDA faz-se também dos nossos colaboradores e do impacto que o trabalho no terreno tem neles e nos que nos visitam, por isso, peço-lhe que não perca os testemunhos do Ionilde Cuinhamé, da Luísa Rocha e do Pedro Pereira Leite; se os ler vai verificar que a nossa VIDA se continua a fazer de vidas mudadas. •



Cerimónia de distribuição dos cartazes de comunicação para a saúde nos bairros do Setor Autónomo de Bissau (Guiné-Bissau)



Agricultoras do projeto “Kópoti pa cudji nô futuro” em formação (Suzana, Guiné-Bissau)



Agentes de Saúde Comunitária no Centro Comunitário de Saúde Materno-Infantil de São Domingos (São Domingos, Guiné-Bissau)



Ativistas da UAAMAT em sessão de sensibilização nas comunidades (Matutuíne, Moçambique)

Pedro Santos

Coordenador do projeto “Kopoti pa cudji nô futuro”

“Cultivar para colher no futuro” é o significado em crioulo de “Kopoti pa cudji nô futuro”, nome do projeto iniciado em 2015 com a associação de mulheres de Suzana, a UBOMAL. Este projeto responde aos anseios concretos manifestados pelas mulheres agricultoras de Suzana e de aldeias próximas, confrontadas com a insuficiente resposta da agricultura de subsistência que praticam às necessidades alimentares e nutricionais das suas famílias. Além disso, urgia a necessidade de melhorar a sua produção agrícola, com vista ao mercado, para promover oportunidades de trabalho nas suas comunidades e evitar o êxodo dos mais jovens para outras regiões do país ou para o Senegal.

Dois anos volvidos, as agricultoras das 6 aldeias beneficiárias– Djufunco, Elalab, Suzana, Eossor, Bulol e Edjim – começam a colher os primeiros “frutos” do trabalho que tem sido desenvolvido no âmbito do projeto: o aumento da produção de hortícolas, principalmente tomate e cebola, e a sua comercialização que é agora mais organizada e rentável.

TOMATE, fonte de nutrientes e de rendimento

As aldeias beneficiárias da Secção de Varela especializaram-se, ao longo da última década, na produção de tomate. A sua produção dirige-se principalmente ao mercado de Bissau, abastecendo este e outros mercados do país durante o período de escassez de tomate (correspondente aos meses de junho e julho).

A equipa da VIDA acompanhou tecnicamente, em cada aldeia, todo o ciclo produtivo da cultura do tomate desde o viveiro até à sua colheita e escoamento. altura em que foi realizada a pesagem da quantidade de tomate escoado por cada agricultora. A produção individual média rondou os 500 kg, mas em aldeias como Djufunco e Edjim algumas agricultoras chegaram a produzir, individualmente, mais de uma tonelada de tomate!



~ Continuação na próxima página ~

ARROZ, riqueza e alimento das famílias

O arroz, base da alimentação da família guineense, tem para a etnia felupe um valor cultural da maior importância. Para além de ser usado na maioria das cerimónias tradicionais realizadas nas suas aldeias este é também, para este povo, um símbolo de riqueza e de ostentação.

As alterações climáticas, manifestando-se através da subida da água das marés e da alteração do regime das chuvas, tem levado ao rebentamento de diques, à salinização das áreas de cultivo de arroz e à menor disponibilidade de água, essencial para o bom desenvolvimento da planta.

Por outro lado, o êxodo rural dos jovens destas aldeias e o conseqüente envelhecimento da população tem também afetado e reduzido a mão-de-obra disponível e necessária para a reparação e manutenção destes diques e para a lavoura dos campos de arroz.

Todos estes fatores têm contribuído para uma diminuição na produção de arroz que, segundo testemunhos locais, se tem vindo gradualmente a assistir nas últimas décadas nesta zona do país.

Durante a época das chuvas, entre junho e outubro, uma das atividades também desenvolvidas pelo projeto foi a instalação de campos de ensaio de arroz nas várias aldeias beneficiárias.

“ AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS, MANIFESTANDO-SE ATRAVÉS DA SUBIDA DA ÁGUA DAS MARÉS E DA ALTERAÇÃO DO REGIME DAS CHUVAS, TEM LEVADO AO REBENTAMENTO DE DIQUES, À SALINIZAÇÃO DAS ÁREAS DE CULTIVO DE ARROZ E À MENOR DISPONIBILIDADE DE ARROZ E À DISPONIBILIDADE DE ÁGUA, ESSENCIAL PARA O BOM DESENVOLVIMENTO DA PLANTA. ”

O objetivo destes ensaios é a comparação da produtividade entre as principais variedades tradicionais produzidas localmente com algumas cultivares melhoradas cedidas pelo Instituto Nacional de Pesquisa Agrária, parceiro do projeto, com o intuito de conseguir aumentar a produtividade, *ceteris paribus*.

Espera-se assim, com estes ensaios agrícolas, colocar a investigação ao serviço do desenvolvimento e, para o conseguir, será feito um acompanhamento rigoroso a cada um dos campos pela equipa técnica do projeto durante todo o seu desenvolvimento fenológico.

Dos resultados obtidos com estes ensaios, a VIDA, juntamente com as comunidades beneficiárias e o Instituto Nacional de Pesquisa Agrária irão, no fim do projeto, avaliar as cultivares que oferecem um melhor desempenho e produtividade para que possam ser disseminadas, de modo a aumentar a produtividade orizícola dos agregados familiares. •



Luísa Rocha

Responsável pela Qualidade e Formação

Projeto "Estratégia para aceleração da redução da mortalidade materna, neonatal e infantojuvenil na Guiné-Bissau - Setor Autónomo de Bissau"

"Kuma cu bo sta?"

A VIDA é uma ONG com uma história que nos inspira, desde 1992, que nos faz acreditar no potencial humano e na esperança no trabalho comunitário, bem como, no empoderamento das pessoas mais carenciadas, nos países onde a pobreza apresenta percentagens muito elevadas.

Fazer parte desta equipa é sem dúvida um momento de enorme aprendizagem para mim. Vivi durante uns anos em Angola, mas agora chegou a minha vez de pisar Guiné-Bissau, e dar os meus primeiros passos na Saúde Comunitária. O projecto é alargado a 14 áreas sanitárias do Sector Autónomo de Bissau, onde actuam no terreno 1010 Agentes de Saúde Comunitária (ASC); integrados em 26 e acompanhados pelos Supervisores Operacionais de Terreno, (SOT). Os Supervisores trabalham juntamente com os Responsáveis das Áreas Sanitárias (RAS), e Técnicos de Saúde (TS). O trabalho que é realizado no terreno implica a sensibilização e intervenção das 16 Práticas Familiares Essenciais (PFE's). Estas Práticas fazem parte na "Estratégia para a aceleração da Redução de Mortalidade Materna, Neonatal e Infantojuvenil na Guiné-Bissau - Sector Autónomo de Bissau".

Os nossos parceiros, (Direcção Regional de Saúde) e financiadores (Cooperação Portuguesa, Fundação Calouste Gulbenkian e UNICEF) são fundamentais neste processo. Todos seguimos este caminho e todos temos o mesmo propósito. Não é de todo fácil este trabalho, mas é neste acreditar que podemos fazer a diferença, e que juntos podemos intervir, contando uma história diferente nesta área de intervenção - o Sector Autónomo de Bissau.

No meu primeiro dia de trabalho, fui recebida com um sorriso aberto. As primeiras palavras a mim dirigidas no trabalho foram em crioulo: "Kuma cu bo mansi?",

seguinte-se: "Bem vindu à Guiné Bissau, à Organização VIDA, Kuma cu bo sta?". Prontamente respondi e deixei clara a minha intenção de aprender o crioulo guineense.

Ser Responsável de Qualidade e Formação é um desafio diário. Trabalhar com um equipa de 26 supervisores operacionais de terreno (SOT) tem sido uma experiência muito interessante para mim. Somos uma Equipa que cresce diariamente e se supera todos os dias: essa é a verdade. Temos dias em que chegamos a casa com aquela emoção menos boa, porque as coisas não correm como gostaríamos, mas no dia seguinte, voltamos a arregaçar as mangas e estamos todos prontos para o terreno: esta é a atitude. Sinto um privilégio enorme em fazer parte deste todo e assumir a responsabilidade e compromisso com esta EQUIPA.

Desde já agradeço a todos que estão comigo nesta caminhada, a todos que a mim se dirigem "Kuma cu bo sta?", fazendo-me refletir e acima de tudo acreditar que faz todo o sentido para mim estar AQUI e AGORA, neste tempo pela Guiné-Bissau e na ONG VIDA. •



Agentes de Saúde Comunitária com formação com a sua Supervisora Operacional de Terreno

Ionilde Cuinhane

Engenheiro agrónomo do projeto “Machambeiros de Matutuine”

Trabalhar na VIDA trouxe-me uma outra visão de comprometimento do espírito de trabalho das ONG’s em Moçambique. Em pouco mais de um ano que estive a trabalhar com a VIDA no âmbito do projecto “Machambeiros de Matutuine” - à escala de todos os postos administrativos do distrito de Matutuine (Bela-Vista, Catembe N’sime, Catuane e Zitundo) com excepção de Machangulo, abrangendo 26 associações, que cobrem cerca de 500 produtores rurais - percebi que as melhores estratégias de trabalho e resultados são obtidos quando se vive de perto os problemas que estes produtores e/ou comunidades passam.

A dimensão do trabalho e o esforço que nós, como VIDA, fizemos junto dos produtores era muito maior que a capacidade e disponibilidade financeira do próprio projecto, e, foi aí, que percebi que quando existe força de vontade, quando se vive perto e na comunidade em que se pretende desenvolver mudanças, esta passa a identificar-se com o projecto, vendo-o não como pessoas “estranhas” mas sim como uma família em que se pode confiar, e juntos criar uma aliança forte em que as principais soluções para os seus problemas saem mesmo dos seus ideais. Com o projecto criam-se sinergias, de modo a que onde existe a limitação dos produtores, complementa-se com o saber do projecto.

Uma outra coisa que me impressionou na VIDA que nunca tinha vista em nenhum outro projecto ou ONG onde tenha trabalhado e que constituiu uma grande aprendizagem para mim é o facto de se trabalhar numa “cadeia de saberes” completa para promover mudanças e melhorar a vida das pessoas... pois, ora vejamos, nós trabalhamos e formamos os produtores em aspectos básicos ligados à saúde, nutrição, segurança alimentar, agricultura e até finanças, quando podíamos apenas nos centrar na agricultura, mas isso com certeza criaria um



um vazio nestes outros campos de extrema importância para uma pessoa.

A VIDA é para mim símbolo de coragem e bravura, é um verdadeiro desbravador; basta ir ver onde foi instalar, por exemplo, o Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula - num autêntico meio do nada.

É gratificante ver hoje produtores mudados, fazendo coisas boas, alimentando as suas crianças com papinhas enriquecidas e nutritivas, organizando melhor a contabilidade das suas vendas de produtos agrícolas através de registos discriminados entre despesas e receitas, cultivando com melhores técnicas as plantas, tendo mais atenção e cuidando melhor dos seus filhos pelo menos os que têm até 5 anos de idade. Nós, VIDA, fizemos isto.

Bem-haja, VIDA, continue iluminando e transformando vidas.

“Um dia espero voltar a trabalhar com o VIDA novamente...” •

Por Filipa Zacarias

Coordenadora de projetos | Representante em Moçambique

No âmbito de “Machambeiros de Matutuíne:
Projeto para o aumento do rendimento e segurança alimentar das famílias rurais vulneráveis do distrito de Matutuíne”

Dia 1 de Novembro foi lançada, em Salamanga, a primeira pedra da construção da Casa Agrícola de Matutuíne. Esta obra irá fornecer ao Distrito o seu primeiro ponto de comercialização de fatores de produção agrícola e agropecuária e à União das Associações Agrárias de Matutuíne (UAAMAT) a sua sede, armazém e parque de máquinas.



As 38 Activistas da União de Associações Agrárias de Matutuíne foram já capacitadas em Nutrição, Alimentação e Educação Parental, pelas ONG parceiras do projecto - a ANSA (Associação para a Nutrição e Segurança Alimentar) e a PATH; e realizaram, no passado dia 1 de Dezembro, o 1º encontro trimestral do balanço da sua actividade.

Neste primeiro trimestre foram realizadas, por estas 38 Activistas, 70 sessões nos grupos das suas Associações e Comunidades, fazendo chegar mensagens de crucial importância aos lugares mais recônditos de Matutuíne.



Dia 19 de Setembro de 2017 foram assinados os 22 contratos-programa no âmbito da Bolsa de promoção do negócio agrícola, num montante global de 7.800€ (550.000 meticais) entregues. Esta Bolsa funcionará como um fundo rotativo, devendo ser retornado no final da campanha agrícola à conta da União de Associações Agrária de Matutuine (UAAMAT), para que no próximo ano possa gerar um novo ciclo de financiamento.

Foram recebidas 56 propostas, apresentadas por Associações bem como por membros individuais, tendo sido aprovadas 22; canalizando-se dessa forma 28% do valor a Associações, 18% a propostas apresentadas individualmente por homens e 53% a propostas apresentadas individualmente por mulheres - sem que tal tenha correspondido a qualquer imposição de quotas à participação por género. Os/As membros aprovados/as foram formados em registos elementares de contabilidade para manterem o investimento de produção actualizado em todos os momentos.

A cerimónia da assinatura dos contratos e entrega dos cheques foi testemunhada ao mais alto nível pelas instituições de tutela distrital e da localidade.



A VIDA participou, entre os dias 3 e 9 de Dezembro, na primeira edição do MDI (*Management Development Institut*) Lusófono, organizado pela NOVAFRICA, com equipa formada com o Serviço Distrital de Saúde, da Mulher e Acção Social de Matutuine e o Programa de Nutrição da Direção Provincial de Saúde de Maputo, para a concepção do projecto que formule as condições de acreditação do grupo de Activistas da União junto dos Serviços de Saúde para que possam passar a realizar o rastreio precoce dos casos de Desnutrição nas suas Associações e Comunidades.



Por Pedro Pereira Leite

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Árvore das Memórias – Lugar de encontros Oficina de museologia social sobre Diversidade Cultural

A Árvore das Memórias é uma oficina de museologia social sobre a diversidade cultural que temos vindo a apresentar em escolas, espaços culturais e comunitários, em Portugal, em Moçambique e na América do Sul. Neste outubro, apresentámos uma oficina em Córdoba, na Argentina, no âmbito da 18ª Conferência Internacional do MINOM.



A oficina começou a tomar forma em 2012, na visita que então fizemos ao Centro Comunitário de Djabula, em Moçambique, com a equipa da VIDA. Na altura na conversa com a comunidade, em volta dum frondoso embondeiro, fomos recolhendo histórias de vida das mulheres de Djabula. Nessas histórias, ouvi as experiências vividas no dia-a-dia, as preocupações com os filhos, com a escola, com o acesso à saúde, com a alimentação, com a água, com a floresta e o gado. Ouvi também as memórias, da guerra, dos que partiram e da relevância que as experiências tinham, na comunidade, para pensar as ações que se deviam tomar.



“ A OFICINA “ÁRVORE DE MEMÓRIAS”
PROPÕE UM ESPAÇO E UM MOMENTO DE
ENCONTRO PARA RECONHECIMENTO DA
MEMÓRIA SOCIAL DA COMUNIDADE A PARTIR DO
RECONHECIMENTO DE SI E DO OUTRO. ”

Um das atividades associativas que então se procurava desenvolver no distrito de Matutuíne, era promover uma pequena loja de artesanato, onde as Djabulinas, as pequenas bonecas de pano confeccionadas pelas mulheres, seriam vendidas. Enquanto confeccionavam as bonecas, as mulheres falavam e contavam histórias de personagens. Assim, as Djabulinas foram ganhando vida de personagens da aldeia.

As Djabulinas e as suas histórias passaram a viajar na mala para a “Oficina Árvore das Memórias”. Elas tanto contam a história de Djabula, das suas mulheres e do associativismo que se vai lentamente consolidando pela ação dinâmica da Filipa Zacarias (coordenadora de projetos em Moçambique); como, escutam as histórias dos diferentes lugares.

~ Continuação na próxima página ~

A oficina “Árvores das memórias” propõe um espaço e um momento de encontro para reconhecimento da memória social da comunidade a partir do reconhecimento de si e do outro. Procura-se um reconhecimento da diversidade dos saberes e convida-se cada participante das “rodas ou cirandas da memória” e ganhar consciência do lugar onde se encontra e a procurar encontrar o seu caminho no âmbito do grupo em que se encontra inserido.

A oficina usa o método do sociodrama para trabalhar a reificação da memória coletiva e favorecer a produção de inovação social. No processo, procuramos facilitar o reconhecimento do eu e do outro como ferramenta de construção da liberdade e de criação de justiça cognitiva.

Trata-se dum trabalho que tem vindo a ser feito em escolas, através do CES Escolas, um programa de extensão Universitário do CES-Universidade de Coimbra e dos Programas da Rede de Escolas Lusófonas, na Universidade Lusófona.

A partir do olhar sobre os saberes meridionais, propomos um momento de encontro para reconhecimento da diversidade cultural no mundo, e propomos a cada participante que experimente o seu posicionamento em diferentes lugares para procurar descobrir as diferenças e escolher o mais adequado aos seus interesses.

As rodas de memória e as cirandas têm vindo a permitir a que nas diferentes sessões os participantes tenham momentos de aprendizagem a partir das experiências das comunidades do sul.

As rodas de memórias permitem olhar para as diversas formas de ocupação do espaço, da organização da vida comunitária, da organização do trabalho e dos diferentes tempos da vida. Permitem ganhar um reconhecimento sobre os problemas da água, da floresta, do acesso à saúde e educação, do exercício do mutualismo. Favorecem o reconhecimento da diversidade dos saberes e dos fazeres e constituem-se como de catalisadores do debate sobre a relação da sociedade com a economia e o ambiente, no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. •



Djabulina, boneca de pano elaborada pelas mulheres de Djabula



A VIDA e o NOVAFRICA são vencedores da 3ª edição do concurso de Investigação para o Desenvolvimento da Fundação Calouste Gulbenkian com o estudo de incentivos de Agentes de Saúde Comunitária na Guiné-Bissau.

Este estudo está a ser desenvolvido no âmbito do projeto “Estratégia para a aceleração da redução da mortalidade materna, neonatal e infantojuvenil na Guiné-Bissau - Setor Autónomo de Bissau”, inserido no programa UE Saúde, financiado por UNICEF, Cooperação Portuguesa e Fundação Calouste Gulbenkian.

Iniciámos o projeto “PIMI II - Seguimento do apoio ao Programa Integrado para a Redução da Mortalidade Materno-infantil na Guiné-Bissau” com a formações de Supervisores em Atenção Integrada às Doenças da Infância ao nível comunitário (AIDI-C) nas regiões de Cacheu e Biombo.

Foram formados/as 20 Supervisores e Supervisoras que irão formar e acompanhar os/as Agentes de Saúde Comunitária nestas regiões.

Projeto no âmbito do Programa PIMI da União Europeia, financiado por UNICEF e Cooperação Portuguesa.



Dia 11 de dezembro decorreu, na Fundação Calouste Gulbenkian, a conferência “A saúde comunitária na aceleração da redução da mortalidade materna e infantil”.

Organizada pela VIDA e pelo NOVAFRICA, a conferência contou com oradores internacionais de renome nas áreas da saúde e da economia para analisar o impacto que a saúde comunitária tem na aceleração da redução da mortalidade materna e infantil e partilhar experiências de vários países, com especial atenção ao caso da Guiné-Bissau.

No âmbito da “Estratégia para a aceleração da redução da mortalidade materna, neonatal e infantojuvenil na Guiné-Bissau - Setor Autónomo de Bissau”, inserido no programa UE Saúde, financiado por UNICEF, Cooperação Portuguesa e Fundação Calouste Gulbenkian.